

## **A MENSAGEM: UMA REPRESENTAÇÃO UTÓPICA DE PORTUGAL**

## **THE MESSAGE: A UTOPIAN REPRESENTATION OF PORTUGAL**

**Beatriz Filipa Costa Silva**

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

beatrizfcosta.silva@gmail.com

**Resumo:** Pretende-se, através deste artigo, visualizar como é representado Portugal na obra *Mensagem* do poeta e escritor Fernando Pessoa. O tópico da representação sempre foi uma questão subjetiva, uma vez que esta varia de acordo com as experiências e os valores de cada indivíduo. Dessa forma, e tendo em conta o clima político da época, através dos olhos de Fernando Pessoa, analisarei como esta obra foi importante para a afirmação de um digno e orgulhoso povo Lusitano.

**Palavras-Chave:** Portugal, representação, Fernando Pessoa, Mensagem

**Abstract:** The aim of this article is to be able to visualize how Portugal is represented in *Message* written by Fernando Pessoa. The topic of representation has always been a subjective question since this one varies according to the experiences and values of each individual. This way and keeping in mind the political ambience at that time, through the eyes of Fernando Pessoa, I will analyze how this work was important to the affirmation of a proud and honorable Nation.

**Keywords:** Portugal, representation, Fernando Pessoa, Message

## Fernando Pessoa – Biografia

Os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia.

Pessoa, que duvidou sempre da realidade deste mundo, aprovaria sem vacilar que fôssemos diretamente aos seus poemas, esquecendo os incidentes e os acidentes da sua existência terrestre.

Nada na sua vida é surpreendente — nada, exceto os seus poemas.

– Octávio Paz<sup>1</sup>

Fernando António Nogueira Pessoa, mais conhecido como Fernando Pessoa, nasceu a 13 de Junho de 1888 em Lisboa, na freguesia dos Mártires, e faleceu a 3 de Novembro de 1935. Com 47 anos, Pessoa foi capaz de se diferenciar dos demais poetas e escritores não só pelo grande talento que possuía, mas também devido aos traços peculiares que compunham a sua personalidade.

Caracterizado como um bebedor solitário, bastante retraído e isolado, inventor de outros poetas e destruidor de si mesmo (Paz, 1988), Pessoa autodefiniu-se como “um hístico-neurasténico com a predominância do elemento histérico na emoção e do elemento neurasténico na inteligência e na vontade...”<sup>2</sup>. Apresentou-se ao mundo como uma pessoa crítica e analista. A solidão, a angústia e o desespero eram sentimentos constantes que dançavam, muitas vezes, nas folhas quietas e reservadas deste poeta. O absurdo da existência, a constante intelectualização das emoções e o fingimento artístico – “O poeta é um fingidor. / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente...”<sup>3</sup> – reforçam ainda mais a ideia da soledade e do pessimismo que atormentavam o seu ser durante dias e noites sem fim. Visto assim como um verdadeiro enigma, incapaz de desfrutar dos prazeres mínimos da vida, um homem desconhecido de si mesmo que nunca sorri e gela-nos o sangue (Paz, 1989), Fernando Pessoa apoiou-se nos seus heterónimos e semi-heterónimos para contar a sua história e mostrar ao mundo os seus sentimentos e os seus mais profundos pensamentos. Usando diferentes peles e possuindo diferentes facetas, só assim foi o poeta capaz de apresentar as suas visões do mundo e confessar as suas inseguranças – “Seu segredo, ademais, está escrito em seu nome: Pessoa quer dizer persona

---

<sup>1</sup> Octávio Paz, O Desconhecido de Si Mesmo – Fernando Pessoa.

<sup>2</sup> Arquivo Pessoa, Obra Édita. Cartas a João Gaspar Simões - 11 Dez. 1931

<sup>3</sup> Arquivo Pessoa, Obra Édita. AUTOPSICOGRAFIA

(pessoa) em português e tem origem em *persona*, máscara dos autores romanos (...) A sua história poderia reduzir-se ao trânsito entre a irrealdade da sua vida quotidiana e a realidade das suas ficções”<sup>4</sup>.

Para além disto, Fernando Pessoa mostra ser uma pessoa extremamente revoltada e incapaz de se conformar com as regras do mundo em que vive. Em diversos escritos políticos, Pessoa apresenta, de forma satírica e bem humorada, as suas opiniões em relação a António de Oliveira Salazar e critica, de diversas formas, o aparelho governativo de Portugal assim como a influência da igreja na política. Através da análise dos seus escritos, podemos igualmente afirmar que Fernando Pessoa apresentava-se não só como um opositor ao Estado Novo, mas também ao Fascismo.

Coitadinho  
do tiraninho!  
Não bebe vinho.  
Nem sequer sozinho...  
Bebe a verdade  
E a liberdade.  
E com tal agrado  
Que já começam  
A escassear no mercado. <sup>5</sup>

Desta forma, através dos seus trabalhos, Fernando Pessoa acaba por pôr em causa os cânones tradicionais do ocidente (a nível religioso, artístico e político) e implementa, por sua vez, os ismos da Avant-garde<sup>6</sup> tão característicos do Modernismo. É nos pilares que constituem este movimento que Pessoa se debruça para escrever um dos seus trabalhos mais populares: a *Mensagem*.

---

<sup>4</sup> Octavio Paz, O Desconhecido de Si Mesmo – Fernando Pessoa.

<sup>5</sup> Arquivo Pessoa, Obra Édita. Sociologia e Política, Sobre o Fascismo, António de Oliveira Salazar.

<sup>6</sup> Avant-garde (em português, Vanguarda) possui um significado metafórico que faz referência a setores de maior pioneirismo ou consciência dentro de um movimento social, político, científico ou artístico. É caracterizado por ser um movimento inovador, anti tradicional e revolucionário pois promove a rutura de modelos preestabelecidos e puxa os limites e as normas considerados aceitáveis na sociedade de forma a agitar e chocar a nação.

## Mensagem

### Geral

O livro *Mensagem* foi, entre 4 obras, a única a ser escrita em português e a ser publicada. Esta obra começou a ser escrita em 1913 e foi dada como terminada apenas um ano antes da morte do autor, em 1934. Numa carta enviada a Adolfo Casais Monteiro, o seu “prezado Camarada”, Fernando Pessoa diz o seguinte:

Praticamente, a *Mensagem* começou a ser escrita em 1913 com o projeto de um livro que se intitularia *Gládio* (...) Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto, incitaram-me a que o publicasse: acedi. Nem o fiz, devo dizer, com os olhos postos no prémio possível do Secretariado, embora nisso não houvesse pecado intelectual de maior. O meu livro estava pronto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao prémio, pois ignorava que o prazo para entrega dos livros, que primitivamente fora até fim de Julho, fora alargado até fim de Outubro. Precisamente porque esta faceta – em certo modo secundária – da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (exceto no caso de «*Mar Português*», parte deste mesmo livro) – precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planeasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional.<sup>7</sup>

Relembremos que entre 1926 e 1933, Portugal esteve sobre a temida regência da ditadura Salazarista conhecida como o Estado Novo. Desta forma, e sabendo as ideologias políticas de Pessoa, podemos interpretar a *Mensagem* como o fruto dos seus desejos: numa sociedade que, naquela época, estava marcada pela decadência, instabilidade e revolta popular, Fernando Pessoa acreditou num renascimento do país alcançado através da mudança e da renovação radical da sociedade.

---

<sup>7</sup> Arquivo Pessoa, Obra Édita. Correspondências, [Carta a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935].

O meu intenso sofrimento patriótico, o meu intenso desejo de melhorar o estado de Portugal, provocam em mim — como exprimir com que ardor, com que intensidade, com que sinceridade ! — mil projetos que mesmo se realizáveis por um só homem, exigiriam dele uma característica puramente negativa em mim — força de vontade (...) Ninguém suspeita do meu amor patriótico, mais intenso do que o de todos aqueles a quem encontro ou conheço. <sup>8</sup>

Na procura de conforto face à sociedade em que se inseria e face ao país em que vivia, na *Mensagem*, Fernando Pessoa procede a uma análise profunda do passado e do futuro mas nunca do presente (Reis, 2008)<sup>9</sup>. Revisita os grandes feitos portugueses, vai às raízes que fizeram crescer a terra Lusitana e refere mitos e lendas que se apresentam como exemplos a seguir. Como será desenvolvido mais à frente, esta obra acaba por se tornar o porto seguro do escritor. É um local de conforto e harmonia, onde os seus desejos são verdadeiramente expressos. É através dela, que Pessoa procede à projeção do seu ideal - do mundo que ele tanto sonha e do país que ele tanto deseja.

---

<sup>8</sup> Arquivo de Pessoa, Obra Édita. Textos de Auto-Análise, O meu intenso sofrimento patriótico — T, poema traduzido por Jorge Rosa.

<sup>9</sup> Retirado do blog “Apontamentos Lima Reis”.

## Mensagem – título, significado e simbolismos

Ao contrário do que muitos poderão pensar, *Mensagem* não foi o título inicialmente selecionado pelo poeta para a obra que analiso neste trabalho. Segundo Pessoa, o título primeiramente escolhido teria sido *Portugal*. No entanto, e por conselho de um velho amigo, este acaba por eleger *Mensagem* como a escolha definitiva, como se pode verificar no excerto a seguir:

O meu livro "Mensagem" chamava-se primitivamente "Portugal". Alterei o título porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar — a observação era por igual patriótica e publicitária — que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua maior Dinastia. «Quer V. pôr o título do seu livro em analogia com "portugalize os seus pés?"» Concordei e cedi, como concordo e cedo sempre que me falam com argumentos. Tenho prazer em ser vencido quando quem me vence é a Razão, seja quem for o seu procurador. Pus-lhe instintivamente esse título abstrato. Substituí-o por um título concreto por uma razão...E o curioso é que o título "Mensagem" está mais certo — à parte a razão que me levou a pô-lo — de que o título primitivo.<sup>10</sup>

O significado deste título, embora pareça óbvio, é alvo de díspares e diversas interpretações. No sentido etimológico da palavra, “mensagem” (do Latim *missaticum*, que veio de *missus*, participio passado de *mittere*) significa enviar algo a alguém. Esta palavra é definida, então, pela transmissão de pensamentos, novidades, opiniões e informações e, desta forma, podemos concluir ser esta a intenção do poeta (Coelho, 2010, p. 13).

No entanto, se procedermos a uma análise mais aprofundada, podemos verificar que este título não foi escolhido somente pelo facto de Pessoa desejar transmitir uma mensagem aos portugueses (Coelho, 2010, p. 12).

Como é referido e confirmado em diversas fontes, Fernando Pessoa teve uma educação britânica que lhe proporcionou um profundo contacto com a língua e literatura inglesas através de autores como Shakespeare e Edgar Allan Poe. Este último, conhecido principalmente pelas suas obras místicas e macabras, teve um papel decisivo no processo de

---

<sup>10</sup> Arquivo de Pessoa, Obra Édita. Textos de Auto-Análise, O meu livro "Mensagem" chamava-se primitivamente "Portugal".

constituição do simbolismo francês - fonte literária dos demais simbolismos (Oliveira, 2017, p. 169). Este simbolismo é uma das características e temáticas mais importantes na *Mensagem* e é considerado como um fator crucial no que remete ao entendimento do verdadeiro significado do título desta obra, assim como o seu conteúdo. Neste caso dou ênfase, entre outros simbolismos, ao simbolismo numérico. A palavra “mensagem” tem 8 letras ocorrendo o mesmo com “Portugal”, o título escolhido “primitivamente” por Pessoa. Desta forma, e segundo o Dicionário dos Símbolos:

O número 8 (oito) é, universalmente, considerado o símbolo do **equilíbrio** cósmico (...) Na tradição cristã, o oito é o número que simboliza a **ressurreição**, a **transfiguração**. No Gênesis após o sexto dia da criação e o sétimo de descanso, o **oitavo** dia representou a **conclusão de tudo e o início de um novo ciclo**. (...). Se o número 7 corresponde ao **Antigo** testamento, o número 8 simboliza o **Novo** Testamento. **O número 8 anuncia a prosperidade e a bem-aventurança de um novo mundo. É o símbolo da transfiguração, anuncia a futura era eterna.**

Como vamos ver seguidamente, a *Mensagem* evidencia o sonho de um cidadão português face à decadência do seu país – um Portugal utópico que não existe, mas que existiu e que poderá certamente existir. Desta forma, esta obra está associada ao início de um novo ciclo para o nosso país - ao nascimento de um novo império caracterizado pela prosperidade, bem-aventurança e harmonia. Este nascimento remete para a anunciação do Quinto Império<sup>11</sup>, um império espiritual onde os portugueses teriam um papel fundamental na sua concretização e fundação. Assim, com a *Mensagem*, Fernando Pessoa apela à vontade dos portugueses para a concretização de uma mudança radical na sociedade e apoia-se em diversos exemplos de sucesso portugueses, de forma a cativar e influenciar os mesmos para, assim, alcançar um novo Portugal.

Para concluir esta secção, a *Mensagem* identifica-se como um apelo por parte de Fernando Pessoa aos portugueses, numa última esperança de tornar Portugal um país melhor. Esta mudança começaria pela completa dissolução do país, alegando que “só das

---

<sup>11</sup> Poema que faz parte da *Mensagem* e que anuncia um novo império civilizacional, onde se destaca a liderança de Portugal. O Quinto Império foi também, curiosamente, uma crença messiânica-milenarista reformada pelo padre António Vieira no século XVII.

cinzas poderíamos renascer da catástrofe provocada pela derrota de Alcácer Quibir”<sup>12</sup> e com a renovação dos pensamentos, das visões e das perceções da sociedade. Ter-se-ia, então, de se proceder a uma desnacionalização e conseqüente reorganização da sociedade, para Portugal e o seu povo se redescobrirem.

---

<sup>12</sup> Retirado do SlideShare “Mensagem & Os Lusíadas”, publicado por Vitor Manuel de Carvalho.

## **Representação**

### **Definição**

O dicionário de Oxford sugere dois sentidos fundamentais para “representação”:

1. Descrever ou retratar, trazer à tona na mente por meio de descrição modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos.
2. Simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela, ser uma amostra ou um substituto.

Segundo Stuart Hall, a cultura está ligada à produção e à atribuição de significados entre os membros de um grupo ou sociedade (Hall, 1997). Estes significados, designados por códigos culturais, permitem que os indivíduos dentro de uma cultura pensem de forma aproximada – mas não idêntica – e que conseqüentemente interpretem e vejam o mundo de maneira semelhante. Assim, é através da forma como representamos o que pensamos ou sentimos, que damos significado a algo ou alguém. Os estereótipos, por exemplo, são as formas mais simples da representação. Eles reduzem os indivíduos de um certo país ou cultura a um conjunto de traços característicos geralmente negativos (Sarmiento, 2015, p. 47). Há que ter cuidado e atenção, no entanto, quando falamos, ouvimos, escrevemos ou lemos algo sobre um grupo ou cultura. Temos de contextualizar as coisas historicamente ou politicamente e saber distinguir, claramente, as representações da realidade. Não podemos assumir que certos produtos como livros ou telenovelas representem uma imagem direta e precisa da realidade.

Para exemplificar recordemos a obra *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões. Este livro, considerado como a "epopeia portuguesa por excelência", é uma obra que canta e exalta os feitos portugueses durante a viagem de Vasco da Gama de Portugal à Índia de uma forma fantástica. Esta obra, aos olhos dos portugueses, representa a coragem, a dignidade, a honra e a bravura dos mesmos. No entanto, isto é uma história representativa não tão idêntica à realidade. Repleta de factos, mas também de subjetividade e exageros situacionais, esta viagem representa – para Camões – uma viagem que provou a ferocidade e o nacionalismo português. No entanto, aos olhos de um estrangeiro, esta viagem pode ser representada como, nada mais nada menos, uma simples expedição na época dos descobrimentos portugueses.

A *Mensagem* apresenta-se ao público como uma representação épica-lírica. Nas suas palavras, Fernando Pessoa celebra feitos e acontecimentos grandiosos através da presença de alusões históricas e do maravilhoso, assim como se abre e exprime as suas reflexões e convicções.

Pessoa mostra-nos um Portugal utópico criado por ele e, principalmente, para ele – um mundo à parte onde constam os seus sonhos e desejos. Um novo mundo criado para a sua própria satisfação e para acalmar as suas furiosas ânsias. Ao escrever sobre o seu ideal - um futuro Portugal, renascido das cinzas, que pode e deve voltar a viver as épocas grandiosas que já passaram - Fernando Pessoa deixa aos portugueses o pequeno sabor de um futuro ambicioso e luxuoso, na esperança de que os indivíduos da sociedade superem as suas limitações pessoais e individuais, que combatam o conformismo, e que transformem a sociedade em que vivem.

A nostalgia mostra ser um sentimento que consome o poeta, que o paralisa e o faz prender o olhar no passado. É um sentimento que embaça os seus olhos e o faz ansiar por um futuro igual ou melhor ao já vivido. É algo que ele ambiciona e persegue, até ao fim da sua vida.

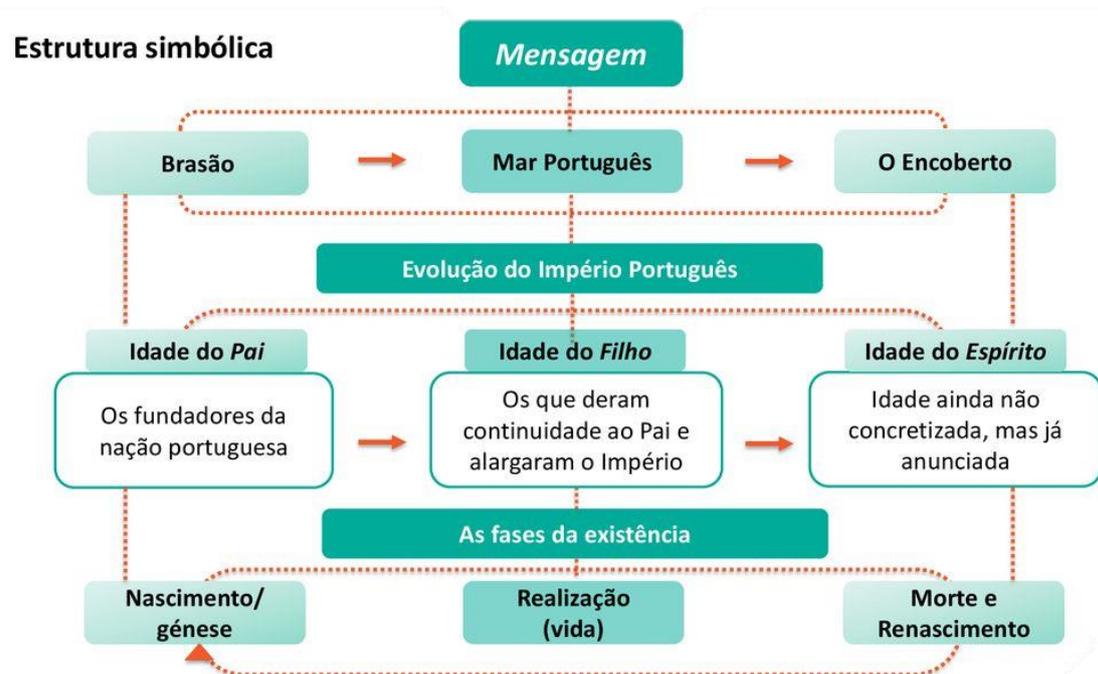
Devido a tudo isto, esta obra não deve ser lida nem compreendida no seu sentido literal. Muito pelo contrário, deve ser interpretada de uma forma sensível e intuitiva, dando a devida importância aos vários simbolismos que surgem, continuamente, ao longo da obra. É uma obra que deve ser lida como a epopeia da era que há de vir, do sonho feito, da realização e da loucura divina (Afonso, 2018, p. 27)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Retirado do site DOCPLAYER. “Fernando Pessoa” escrito por Olga Afonso, Escola Secundária Quinta do Marquês, 2018 publicado em por Nelson Sales Amaral.

## Representação na *Mensagem*

A *Mensagem* é uma obra dividida de maneira formal e simbólica, distribuindo-se os seus 44 poemas por uma estrutura tripartida como se pode ver através do seguinte esquema.



Esquema 1: Estrutura Simbólica

Fonte: *Mensagem*, Português, 12ºano:  
<https://slideplayer.com.br/slide/13923983/>

Através deste esquema são expostas três representações diferentes de Portugal, que simbolizam as três etapas e idades do Império Português. Assim:

1. O Brasão representa o nascimento e a formação de Portugal;
2. O Mar Português representa um Portugal desenvolvido e próspero, caracterizado pela época de grandiosidade, expansão e aventura marítima;
3. O Encoberto representa um Portugal morto e o seu conseqüente renascimento.

Cada representação será, seguidamente, devidamente desenvolvida de forma a melhor se entender como Fernando Pessoa foi capaz de organizar esta “epopeia fragmentária”.

## **O Brasão**

“Bellum sine bello”<sup>14</sup>

Sendo o brasão um distintivo das famílias nobres ou um distintivo daqueles que foram reconhecidos pelos seus feitos, esta primeira parte da *Mensagem* representa, para Fernando Pessoa, o nascimento de um novo império onde constam as pedras basilares da nacionalidade portuguesa e onde os fundadores e construtores do império fazem a sua aparência.

Tudo começa aqui.

Numa secção subdividida em cinco partes, Fernando Pessoa mostra detalhadamente o potencial do nosso país, através da sabedoria, altruísmo, humildade, patriotismo e nacionalismo daqueles que fizeram nascer a grande terra Lusitana.

Como se poderá verificar seguidamente, Fernando Pessoa não só se apoia no real mas também no mítico, para melhor evidenciar e explicar a fundação de Portugal.

## **O Dos Castelos**

Em *O Dos Castelos*, Pessoa remarca a posição geográfica em que o nosso país se encontra, mostrando que por si só Portugal já é naturalmente um país líder e inigualável. A sua missão consiste em conquistar o que está para ocidente, criando um novo império que dará continuidade à supremacia do restante império europeu - “Fita, com olhar esfíngico e fatal / O Ocidente, futuro do passado / O rosto com que fita é Portugal.”.

Para o poeta, Portugal é um país que tem tudo para alcançar o sucesso.

## **Ulisses**

Ulisses é o fundador mítico de Lisboa. O herói grego da *Ilíada* e da *Odisseia* de Homero. É distinguido como um dos mais ardilosos guerreiros de toda a epopeia grega. Com Ulisses, Fernando Pessoa associa o povo português, desde a sua fundação, a heróis e justifica as suas origens como gloriosas. Como António José Saraiva disse - “os mitos

---

<sup>14</sup> “Guerra sem combate”: Apelo a uma guerra onde se utilizem armas “morais” como a vontade, o sonho e a resistência.

históricos são uma forma de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo” (1994, p. 112).

“Este que aqui aportou, / Foi por não ser existindo. / Sem existir nos bastou. / Por não ter vindo foi vindo / E nos criou” - ou seja, o mito cria e faz existir o que não existe: por ter parado em Lisboa e conseqüentemente ter fundado a cidade, criou Portugal. “O mito é o nada que é tudo” e assim, funde-se com a realidade mostrando ser a única verdade.

### **O Conde D. Henrique**

Henrique de Borgonha<sup>15</sup>, conhecido em Portugal como Conde D. Henrique contribuiu para a fundação do país, para a criação da nossa nacionalidade e da nossa independência.

No poema associado a esta figura histórica, Pessoa mostra, mais uma vez, que o povo português para além de ter profundas raízes gloriosas, tem também a vontade divina do seu lado. Na primeira estrofe, “Todo o começo é involuntário / Deus é o agente / O herói a si assiste, vário / E inconsciente”, Fernando Pessoa demonstra que o Conde D. Henrique atua como um fio condutor entre o espaço divino e o espaço mundano. Apresenta-se então como um agente de Deus, comandado por uma força superior que o faz agir inconscientemente, ou seja, qualquer ação que se desenrolava pelas suas mãos era, na realidade, concretizada devido aos desejos e vontades de Deus.

Assim, na segunda estrofe - “À espada em tuas mãos achada / Teu olhar desce. / «Que farei eu com esta espada?» / Ergueste-a, e fez-se.” - assistimos ao desenrolar de uma ação, à concretização de algo por parte do herói. O Conde D. Henrique ao erguer a espada fez nascer Portugal.

### **D. Filipa de Lencastre**

Filipa de Lencastre<sup>16</sup> (1360 – 1415) é uma das figuras históricas mais importantes na história de Portugal. Vinda de duas famílias nobres com poder e influência, Filipa herdou de seu pai a sua generosidade e humildade – característica que mostrou ser importante

---

<sup>15</sup> Henrique de Borgonha, 4º filho do Duque Henrique de Borgonha e da sua mulher Sibila, foi o Conde de Portucale desde 1093 até à sua morte. Como pai de D. Afonso Henriques, é descrito como o *bom* fundador da monarquia portuguesa. Nasceu em Dijon em 1066 e faleceu em Astorga em 1112.

<sup>16</sup> Filipa de Lencastre, filha de João de Gante, 1.º Duque de Lencastre e de Branca de Lencastre. Em 1387 casou-se com o rei D. João I de Portugal o que permitiu a construção da aliança Luso-Inglesa contra o eixo França-Castela.

durante a sua vida. Acarinhada pelo povo e dotada de modéstia, sensatez e pureza espiritual, Filipa de Lencastre não só representou uma nova dinastia como presenteou o reino português com corajosos e respeitosos príncipes. Os seus filhos são atualmente lembrados como a *Ínclita Geração*<sup>17</sup>, e os seus feitos são de tamanha grandiosidade que Fernando Pessoa chega até a questionar e ponderar se estes não teriam proteção divina - “Que enigma havia em teu seio / Que só génios concebia? / Que arcanjo teus sonhos veio / Velar, maternos, um dia?”.

Dos seus oito filhos, dois faleceram enquanto ainda eram crianças. Os outros cresceram e sobressaíram devido ao seu elevado grau de educação, valor militar e sabedoria. Como alguns exemplos temos o D. Duarte, rei de Portugal; D. Pedro, senhor de grande cultura e muito viajado, conhecido como o “Príncipe das Sete Partidas”; o Infante D. Henrique, promotor e impulsionador da gesta dos Descobrimentos Marítimos; D. Isabel, mais tarde duquesa de Borgonha, sábia administradora do território governado pelo seu marido – Filipe o bom; o Infante D. João, designado em 1418, mestre da Ordem de Santiago de Espada; e o Infante D. Fernando, conhecido como o “Infante Santo”, o mártir que faleceu, em fez, sacrificado aos interesses da pátria.

"Mas, pera defesa dos Lusitanos / Deixou, quem o levou, quem governasse / E aumentasse a terra mais que dantes: Ínclita geração, altos Infantes." - Camões, em *Os Lusíadas* (Canto IV, estância 50).

---

<sup>17</sup> Designação cunhada por Luís Vaz de Camões na sua obra “Os Lusíadas”.

## **Mar Português**

“Possessio Maris”<sup>18</sup>

Nesta 2ª parte da obra, Fernando Pessoa apresenta aos leitores um Portugal próspero e desenvolvido onde se realiza o sonho da expansão. Aqui, Portugal atinge um grande reconhecimento e adquire o auge nas Descobertas Marítimas - “Mar que une, não mais separa, mar onde sobressaem o ocidente, o Infante, o Padrão, os medos, os navegantes, as naves”.

O Mar Português descreve, detalhadamente, a época grandiosa de Portugal e expõe de diversas formas as qualidades do povo lusitano. Quer em batalhas sobre o solo seco e duro, quer em expedições sobre as águas frias e desconhecidas, a garra, a força e a coragem são características intrínsecas aos portugueses. Trata-se de algo inato e natural que germinou com eles como uma semente, transformando-os em valentes e poderosos guerreiros capazes de enfrentar qualquer tormenta, obstáculo e contratempo. Desta forma, apresentarei alguns poemas sobre figuras que se destacaram nesta grandiosa era e que permitiram o desenvolvimento e reconhecimento do nosso país.

### **O Infante**

Neste poema, Fernando Pessoa invoca a figura do Infante D. Henrique - um dos escolhidos para concretizar, mais uma vez, a vontade divina. E tal como diz no poema: “Deus quer, a obra nasce”.

À semelhança de “O Conde D. Henrique”, o sujeito poético apresenta-se como um herói mítico manipulado por Deus que concretiza as suas visões e obedece às suas ordens. Mas qual é o verdadeiro desejo de Deus? A resposta é simples - navegar os mares até que “a terra fosse toda uma”. Nada mais que isso e, ao mesmo tempo, tudo isso. Quebrando as violentas ondas das marés vivas e enfrentando o desconhecido e o fantástico, os portugueses conquistaram canto a canto até que viram “terra inteira, de repente / surgir, redonda do azul profundo”. No entanto, apesar do sucesso que os nossos navegadores tiveram, o “Império se desfez.”. E, no último verso do poema, Fernando Pessoa defende um

---

<sup>18</sup> “Posse do Mar”: As Descobertas marítimas, para além de marcarem uma época grandiosa para Portugal, são um sinal do futuro.

império espiritual onde se iria recuperar toda a grandeza, outrora, perdida e construir um Portugal novo (alusão ao Quinto Império) - “Senhor, falta cumprir-se Portugal!”.

### **Padrão**

O Padrão era um símbolo colocado pelos portugueses em locais que estes haviam conquistado e descoberto. Normalmente, este símbolo possuía as quinas portuguesas e uma inscrição de forma a afirmar e comunicar a soberania Portuguesa na região onde se encontrava. Numa das suas viagens, Diogo Cão<sup>19</sup> percorreu a costa sudoeste de África, entre 1482 e 1486, do Cabo de Santa Catarina até à Serra Parda, tendo deixado inscrições nos vários locais onde aportava. Já em 1485, quando chegou ao Cabo da Cruz – a atual Namíbia – Diogo Cão utilizou, por sua vez, padrões de pedra para assinalar o domínio português nas terras que iam sendo descobertas.

Utilizado um discurso na primeira pessoa, o sujeito poético explica aos leitores que o Padrão “sinala ao vento e aos céus” que a sua missão tinha sido cumprida e o que restava cumprir estava nas mãos de Deus. Através das quinas portuguesas que constituem o Padrão, Diogo afirma, orgulhosamente, “que o mar com fim será grego ou romano: o mar sem fim é português”, demonstrando que o que mais corre no sangue dos portugueses é a vontade insaciável e feroz de navegar e conquistar tudo o que é terra e mar no mundo.

### **Mar Português**

Através da utilização do recurso expressivo vocativo, o sujeito poético dirige-se ao mar de forma intensa e exasperante, manifestando a frustração que sente, uma vez que este é responsável pelo sofrimento das famílias e de todos aqueles que se aventuraram a cruzar as receadas águas – “Quantas mães choraram / Quantos filhos em vão rezaram / Quantas noivas ficaram por casar...”. No entanto, “Tudo vale a pena/Quando a alma não é pequena”. Embora o mar seja a fonte de eterna dor, desespero e sofrimento, ele também reflete e simboliza a conquista do absoluto e a concretização da glória. “Quem quer passar para além do Bojador / Tem que passar para além da dor”. Sacrifícios têm de ser feitos e

---

<sup>19</sup> Diogo Cão foi um notável navegador Português do século XV. Escudeiro da casa de D. João II de Portugal, foi enviado pelo mesmo em diversas expedições.

perigos têm de ser desafiados. Só assim se consegue atingir os objetivos – com empenho, coragem e vontade. E isso é o que não falta aos nossos grandes e eternos navegadores.

## O Encoberto

“Pax in Excelsis”<sup>20</sup>

Vemos imbuídos, nesta terceira e última parte da obra, os desejos e sonhos de Fernando Pessoa, que foram mencionados inicialmente. Aqui residem as reconfortantes visões de um Portugal novo e de uma sociedade mudada – um povo com diferentes mentalidades e percepções. O Encoberto representa um Portugal morto, cinzento e incerto. Mas representa, igualmente, o seu renascimento num novo império espiritual, onde as importâncias linguísticas e culturais predominam.

A sua estrutura é dividida em 3 secções: os símbolos, os avisos e os tempos. Com estes três elementos, Pessoa estabelece o seu plano profético: “os *símbolos* são emblemas usados por profetas que anunciam *avisos* para a chegada de um *tempo* final onde se alcançará algo.” (Andrade, 2016, p.15)

### D. Sebastião

Neste poema Fernando Pessoa dá voz ao rei D. Sebastião e revive, com ele, o Sebastianismo – um mito messiânico, ou seja, um mito que se funda na esperança da vinda de um Salvador, que virá libertar o povo e restaurar o prestígio nacional. Desaparecido em Alcácer-Quibir em 1578, os portugueses ainda esperam o seu retorno numa noite de nevoeiro para ajudar nas horas mais sombrias.

D. Sebastião, no início do poema, exorta que esperem pelo seu retorno, explicando que apenas se encontrava no areal que Deus concede às almas para repousarem e descansarem – um intervalo necessário para o início da realização de um sonho eterno. Avisa que regressará, mas não como foi, uma vez que já não o é - “É O que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei”. Tornando-se eterno, guardado por Deus, ascendendo ao plano divino e espiritual, não podem os portugueses esperar pela possibilidade do regresso físico do rei desaparecido em Alcácer-Quibir. Assim, este “pede para que o esperem, mas não como o Mesmo, antes como Outro, não como mortal, antes como imortal” (Borges,

---

<sup>20</sup> “Paz nas Alturas/Paz no Céu”: nos termos em que se sustenta o Quinto Império pessoano, os novos tempos serão de tempos de felicidade, paz e fraternidade universal.

2009)<sup>21</sup>. Com este poema, D. Sebastião transmite ao povo português a esperança de um futuro promissor e da glória eterna.

### **O Quinto Império**

O Quinto Império inclui-se em “Os Símbolos”.

Neste poema, o sujeito poético mostra, de forma mais clara e detalhada, que o Quinto Império é, efetivamente, um império ligado a características espirituais e eternas.

Segundo ele, a felicidade é negativa. É ela que torna o homem acomodado e conformado, e que o transforma num ser sem sonhos que vive apenas por viver esperando calmamente a sua morte – “Vive porque a vida é dura”. De forma a se poder evoluir e desenvolver, conclui-se, então, ser necessária ambição para ultrapassar o conformismo. É preciso sonhar para que a sociedade acorde e renasça.

Nas últimas duas estrofes, o sujeito poético afirma que a Terra será o palco do “dia claro” – ou seja, a nova era, o Quinto Império. Ao contrário da Grécia, da Roma, da Cristandade e da Europa – impérios que terminaram o seu ciclo de vida e que foram “para onde vai toda a idade” – este novo império, construído por uma nova geração de homens purificados, não só conduzirá Portugal a uma nova glória como será eterno e universal.

### **Nevoeiro**

O Nevoeiro é o poema final da Mensagem e inclui-se em “Os Tempos”. Como já poderíamos esperar, nele é apresentada uma caracterização bastante negativa de Portugal. Aqui, o sujeito poético marca o país pela falta de identidade (“Ninguém conhece que alma tem”), pela falta de objetivos (“Ninguém sabe que coisa quer”) e pela falta de entusiasmo. É um país quebrado, coberto pela incerteza, vivendo à sombra de um passado glorioso que morreu – “Tudo é incerto e derradeiro”. No entanto, o nevoeiro que envolve Portugal traz consigo a mudança. Finalmente, renascemos. Finalmente é o tempo do Quinto Império. Finalmente virá a glória – “Ó Portugal, hoje és nevoeiro... / É a Hora! / Valete, Fratres”.

---

<sup>21</sup> Retirado do blog “Serpente Emplumada”.

## **Conclusão**

Como foi dito ao longo deste artigo, a *Mensagem* expressa, principalmente, o sonho de Fernando Pessoa. Como um cidadão descontente e frustrado, que vivia num país caracterizado pela sua contínua instabilidade, Fernando Pessoa apresentou-nos o seu ideal. Um país utópico, confiante e assertivo que poderia reviver todas as grandezas outrora vividas. Ao invocar certos símbolos, quer míticos ou históricos, o autor espera agitar e convencer a grande massa portuguesa, na esperança de que o seu sonho se torne, um dia, realidade.

Com a divisão tripartida desta obra, podemos verificar a presença de um ciclo de vida – o nascimento, o crescimento e a morte. No entanto, aqui a morte não significa o fim, o término da vida, mas sim o renascer, o início de um novo ciclo – o começo de uma nova era para Portugal. Em *O Brasão*, vemos a fundação de Portugal através de figuras como a D. Filipa de Lencastre ou Ulisses. No *Mar Português*, vemos um Portugal glorioso alcançado através das inúmeras expedições e descobrimentos conseguidos por grandes navegadores como Diogo Cão – referenciado no poema *Padrão* - ou o Infante D. Henrique. Por sua vez o *Encoberto*, última parte da obra, revive o mito sebastianista de forma a resgatar o poder de Portugal e, assim marcar a supremacia do país sobre o mundo.

Alcançado o Quinto Império, o sonho de Pessoa tornar-se-ia, finalmente, realidade.

## Referências

SARMENTO, C. (2015). “Estudos Interculturais Aplicados: Textos, Turismos e Tipologias”. Porto: Vida Económica - Editorial, SA.

ANDRADE, A & CAMEIRA, C & RAPOSO, S. (2017). “Mensagens, Português 12º ano”. Texto Editores, LDA. Lisboa. 1ª edição, 1ª tiragem.

SARAIVA, J. (1994). “As Épocas da Cultura Portuguesa”, in A Cultura em Portugal: Teoria e História, I, Lisboa, Gradiva.

COELHO, M. (2010). Mensagens de Mensagem de Fernando Pessoa. Lisboa: Faculdade de Ciências Humanas. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses. Retirado de: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/5586/1/Mensagens%20de%20Mensagem%2C%20de%20Fernando%20Pessoa.pdf>

SIMEONI, C.P.M (2010) A desconstrução do eu de Fernando Pessoa. Universidade de São Paulo. Retirado de: [https://www.researchgate.net/publication/270642177\\_A\\_DESCONSTRUCAO\\_DO\\_EU\\_EM\\_FERNANDO\\_PESSOA](https://www.researchgate.net/publication/270642177_A_DESCONSTRUCAO_DO_EU_EM_FERNANDO_PESSOA)

Octavio Paz – O Desconhecido de si mesmo: Fernando Pessoa publicado por Inês Carneiro. Retirado de: [https://www.academia.edu/39031338/Octavio\\_Paz\\_O\\_desconhecido\\_de\\_si\\_mesmo\\_Fernando\\_Pessoa](https://www.academia.edu/39031338/Octavio_Paz_O_desconhecido_de_si_mesmo_Fernando_Pessoa)

ANDRADE, Letícia. (2016). A Remitologização de Portugal em Mensagem. Retirado de: <https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/view/75351>

Análise dos poemas da mensagem. Retirado de: <https://ciberjornal.files.wordpress.com/2015/05/resumo-poemas-de-mensagem.pdf>

Fernando Pessoa by Olga Afonso publicado por Nelson Sales Amaral no DOCPLAYER. Retirado de : <https://docplayer.com.br/70444073-Fernando-pessoa-olga-afonso-esqm.html>

Arquivo Pessoa - <http://arquivopessoa.net/>

Blog leonorestuda - <http://leonorestuda.blogspot.com/>

Blog Serpente Emplumada - <http://serpenteemplumada.blogspot.com/>

Blog Apontamentos Lima Reis - <https://sites.google.com/site/apontamentoslimareis/>